
Raça, Gênero e Desinformação: um estudo sobre o Femicídio de Janaína Bezerra no Instagram O Piauiense¹

Karolena Veras da SILVA²

Luiziário SILVA³

Ana Regina RÊGO⁴

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o fenômeno da desinformação nas redes sociais digitais frente a casos de violência de gênero contra mulheres negras. Para isso, serão observadas as produções de conteúdos sobre o femicídio de Janaína Bezerra dentro do perfil no Instagram O Piauiense. Para auxiliar nas intenções propostas, utilizamos como caminho teórico-metodológico a Hermenêutica em Profundidade de John Thompson (1995), a fim de compreender os temas desinformativos mais frequentes veiculados sobre o caso da estudante negra violentada física e simbolicamente. Diante do investigado, constatamos que a presença de narrativas desinformativas promovem o debate em torno de fatos que não condizem com a veracidade do fenômeno, resultando na disseminação de discursos de ódio que afetam a dignidade da pessoa humana e desvalorizam a mulher.

Palavras-chave: racismo; gênero; desinformação; redes sociais digitais.

Introdução

A violência contra a mulher no Brasil, quando vista sob o prisma da raça, ganha acentuações ainda mais demarcadas em virtude dos longos processos de escravização dos antepassados negros. Isso porque o ser mulher negra está direcionado a aspectos históricos e políticos que remontam ao colonialismo. Ao longo do tempo, surgiram diversas formas de violência naturalizadas contra as mulheres pretas, que resultaram na tentativa de definir o papel de subalternidade a elas (GALVÃO, 2021).

De acordo com a filósofa Djamila Ribeiro (2015), as mulheres negras têm os seus corpos desumanizados historicamente, hipersexualizados e visto como objeto sexual. Esses estereótipos, sustentados pelas estruturas patriarcais, podem resultar na cultura da violência contra as mulheres negras, uma vez que são vistas como seres não dignos de respeito.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPI), e-mail: karoleneveras@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPI), e-mail: luziariosilva@hotmail.com

⁴ Doutora em Processos Comunicacionais, Professora do PPGCOM – UFPI, orientadora do trabalho, e-mail: anareginarego@gmail.com

Para além disso, estas violências desencadeiam feminicídios, como é o caso de Janaína Bezerra: mulher negra, poetisa e estudante de jornalismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI), vítima de um crime sexual violento e um feminicídio brutal, em janeiro de 2023, dentro da Instituição de ensino da qual fazia parte. Desse modo, este trabalho busca compreender de que modo se constrói a desinformação nas redes sociais digitais frente a casos de violência de gênero contra mulheres negras, por meio da observação das produções de conteúdos (postagem e comentários dos usuários) sobre o feminicídio de Janaína Bezerra dentro do perfil no Instagram O Piauiense, que conta com 95,9 mil seguidores e se autopromove como “a maior mídia independente do Piauí”.

O presente artigo se limita ao recorte temporal de 28/01/2023 a 11/02/2023, que corresponde há 15 dias após o crime, a fim de compreender os temas desinformativos mais frequentes veiculados sobre o caso da estudante negra violentada física e simbolicamente. Para auxiliar nas intenções propostas, será utilizado como caminho teórico-metodológico a Hermenêutica em Profundidade de John Thompson (1995, p.335) que permite interpretar e reinterpretar o fenômeno, uma vez que o “objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação”.

Diante deste campo discursivo que o artigo caminha ao longo do seu desenvolvimento a partir dos achados exploratórios ao que tange o observável (perfil no Instagram O Piauiense), empreendemos uma reflexão sobre o modo que ocorreu a desinformação e discurso de ódio na divulgação do feminicídio de Janaína Bezerra na referida rede social, sendo constatado que a presença de narrativas desinformacionais promovem o debate em torno de fatos que não condizem com a veracidade do fenômeno, resultando na disseminação de discursos de ódio observados nos comentários que, frequentemente, afetam a dignidade da pessoa humana e desvalorizam a mulher.

O feminicídio de Janaína Bezerra: estudante, mulher negra e poetisa

“Anseio o que o futuro tem pra mim mais ainda o que penso ter no presente instante” (BEZERRA, 2023, sic.), essas são algumas palavras escritas por Janaína Bezerra em seu perfil do *Instagram* dedica a poesias (@mie.poesie), no qual compartilhava seus anseios, sonhos e valores em forma de poema, fazendo com que as palavras e sentimentos se entrecruzassem em rimas perfeitas. Contudo, sua carreira de poetisa foi interrompida bruscamente aos 22 anos de idade.

Janaína, mulher negra, além de poetisa, era estudante de jornalismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI), foi vítima de um ato sexual violento e um feminicídio brutal dentro

da Instituição de ensino da qual fazia parte, um espaço que carrega a missão de promover a educação, com o objetivo de formar cidadãos éticos, capazes de auxiliarem no desenvolvimento da sociedade. A tragédia ocorrida aponta para a subversão dos valores preteridos pela Instituição que dizem respeito às questões raciais, sociais e de gênero, e resultou em mais uma vida feminina negra descontinuada pela naturalização da violência contra a mulher e o poder do patriarcado.

O ser mulher negra está direcionado a aspectos históricos e políticos que retomam o colonialismo. Rodrigues (2018) aponta que os costumes dos povos colonizadores influenciaram nos valores conservadores da sociedade brasileira. Assim, surgia as diversas formas de violências naturalizadas, responsável também por definir o papel de subalternidade das mulheres negras (GALVÃO, 2021).

O lugar de inferioridade apontado à mulher negra desde o período colonial não é somente um traço da sociedade brasileira, pois se disseminava em outras partes do mundo como Estados Unidos, África, Caribe, América do Sul e em tantos outros onde habitavam mulheres pretas. Diante dessa perpetuação de invisibilidade, Carneiro (2019, p.156) destaca que para as mulheres negras era designada a função de trabalhar como “burro de carga” e a mulher branca para casar. Além do trabalho, a mulher negra servia para “fornicar”. Dessa forma, a autora descreve que esse é o conceito de gênero e raça na cultura patriarcal colonial brasileira.

A dominação masculina é uma das características centrais do patriarcado. Para Saffioti (1987), além do sistema de domínio, o patriarcado é construído pela “ideologia machista” e um “sistema de exploração”, em que o principal beneficiado é o homem branco, rico e adulto. Para Aguiar (2000), o patriarcado pode ser compreendido como um sistema de poder análogo a escravidão, diante do contexto de opressão do homem.

Além dos aspectos que emergem a submissão, o patriarcado também se relaciona com a violência caracterizada por Chauí (1985) como um ato de transformações de desigualdades que possui o intuito de oprimir, explorar e dominar. Ao que tange as mulheres negras, que durante o período colonial eram expostas a trabalhos exaustivos, sofriam com a violação de seus corpos em relações sexuais não consensuais. Segundo Angela Davis (2016), o estupro representava o domínio e o controle do proprietário sobre as mulheres negras. Já Belonia (2019) argumenta que o estupro era realizado com a finalidade de extinguir com a resistência das mulheres negras, uma vez que trabalhavam como os homens negros e a violação sexual ocorria para lembrá-las da condição de fêmea.

Mas é importante dizer que as mulheres negras não carregam o estigma da fragilidade,

submetidas constantemente a todo tipo de violência. A filósofa Djamila Ribeiro (2015) aponta que as mulheres negras têm os seus corpos desumanizados historicamente, ultrassexualizados, visto como objeto sexual. Esses estereótipos, sustentados pelas estruturas patriarcais, resultam na cultura da violência contra as mulheres negras, sendo vistas como seres não dignas de respeito, no qual se ressalta apenas o lado sexual.

Com a expansão da urbanização, o advento do comércio, industrialização e o fim da escravidão, além das demais transformações ocasionadas pela sociedade moderna, houve mudanças nas dinâmicas patriarcais. No entanto, de acordo com Rodrigues (2018), não ocorreu a superação das estruturas patriarcais, mas resultou em reconfigurações diante da diminuição de seu poder na esfera privada. Porém, na contemporaneidade a dominação masculina, base da estrutura patriarcal desde o colonialismo, segue aniquilando a vida de mulheres negras, como no caso da interrupção da trajetória de vida da Janaína.

Além da Janaína, diversas mulheres sofrem com os desdobramentos da violência sistemática — seja ela física ou psicológica — simplesmente por serem mulheres e, geralmente, suportam as agressões em silêncio. Esta problemática afeta a sociedade de maneira universal, sustentando o poder de dominação do patriarcado, uma vez que as mortes violentas femininas são marcadas, frequentemente, pela desigualdade de gênero (PRADO, 2017).

Desse modo, tratar sobre essas questões na contemporaneidade nos leva à discussão dos conceitos de raça e gênero no ambiente das redes sociais digitais, já que cada vez mais a informação circula rapidamente. Para além do comunicacional, esses espaços se tornaram um terreno fértil para disseminação de conteúdos desinformativos que, frequentemente, desencadeia ataques às mulheres negras. De acordo com Trindade (2022), as mulheres negras são o grupo que mais sofre ataques violentos no ambiente virtual. No tópico seguinte, essas temáticas serão abordadas com o intuito de apresentar como esses conceitos atravessam o ambiente das redes sociais e legitimam o lugar de subalternidade da mulher negra na sociedade.

Raça e gênero: a mulher preta no ambiente das redes sociais digitais

Na contemporaneidade, sobretudo dentro do ecossistema digital, os rastros do racismo também se fazem presente e, muitas vezes, são potencializados por essas ferramentas de comunicação. Inclusive, é importante ponderar que os avanços tecnológicos também influenciaram em inúmeras características e sociabilidades das pessoas à medida que interagem umas com as outras.

É diante disso que compreendemos que a internet, enquanto meio de comunicação, alcançou papel fundamental na sociedade pós-moderna. Na era digital, o acesso à informação ganhou nova roupagem, identificada, principalmente, pelo instantâneo, maior interação e participação nesses ambientes virtuais. Além disso, o formato de consumo de conteúdos e interação com notícias e/ou informações também são atravessados por esses jeitos outros de compartilhamento entre as pessoas.

Para pensarmos, dessa forma, nos impactos das redes sociais digitais no corpo da mulher negra, recorremos à compreensão de que esta figura é atravessada pelo conceito da interseccionalidade, tendo em vista que é impossível pensar sobre ela sem lançar luz às ideias de gênero e raça que, de formas combinadas, dizem respeito às suas principais características, embora não sejam as únicas. Com isso, reiteramos que “a interação entre gênero e outros fatores é evidente quando analisamos alguns casos da vida real” (BELLAGAMBA, 2022) que, no contexto deste artigo, relaciona-se à desinformação e discursos de ódio postos sobre o corpo da mulher negra Janaína Bezerra, vítima de feminicídio.

Cabe mencionar, ainda, o que nos aponta a pesquisadora negra Akotirene (2021) ao nos trazer a compreensão de que a interseccionalidade tem a ver com uma “sensibilidade analítica”, que nos dá aparatos teóricos para a compreensão de fenômenos sociais de maneira aprofundada e sistematizada, como os crimes contra a mulher negra nos contextos mais diversos. Sabemos, inclusive, que crimes contra mulheres negras, quando praticados por homens, via de regra, representam o problema social do ódio à mulher. No recorte de raça, os aspectos inerentes ao crime também acionam negativamente os encargos decorrentes das estruturas racistas presentes na sociedade desde os períodos de escravidão.

Para melhor entendermos isso, citamos o autor Fanon (2008), a partir de sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, quando o pensador nos coloca de maneira muito categórica que é preciso assimilar que a prática racista não pode ser analisada com o propósito de hierarquizar sistemas de opressões. Com isso ele quer dizer, por exemplo, que não dá para se dedicar à diferenciação de como o racismo acontece na África do Sul ou no Norte. Trazemos esse ponto de reflexão para reafirmar que o corpo da mulher negra é imbricado e construído das marcas de gênero e raça, por exemplo, o que nos permite expressar que é impossível (ou, pelo menos, insuficiente) analisar os crimes cometidos contra Janaína sem observar esses fatores.

Adentrando mais especificamente no conceito de raça, termo imprescindível para os caminhos traçados dentro desta pesquisa, Silva e Soares (2011, p.102) nos colocam que a expressão raça teve sua origem por meio de uma “fundamentação biológica, dentro do paradigma de raça inferior e raça superior”. Embora entendamos que no início a expressão foi

cunhada para reforçar a estrutura social racista que coloca brancos como superiores aos negros, nos apropriamos da denominação raça como uma ferramenta de ressignificação importante para o movimento negro.

Feitas as devidas elucidações e apontamentos de conceitos importantes sobre os problemas de racismo e interseccionalidade da mulher negra, trazemos, ainda, a pesquisadora Butler (2010) para nos ajudar na definição que penetram a concepção de gênero. A autora nos permite visualizar e entender que a sociedade patriarcal relega a divisão entre homem e mulher como uma estrutura natural quando, na verdade, é revestida de conceitos preconceituosos e que não representam a totalidade de afetos, sexualidades e corpora que (re)existem cotidianamente.

Os corpos negros (de homens e mulheres cisgêneros, não-binários, *gays*, entre outros) estão colocados no mundo como espaços-territórios de construção de relações pautadas em estigmas, o que exige uma reestruturação social. Ao ampliar suas reflexões sobre os problemas de gênero, Butler (2010) também pondera que não é possível recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais. Dessa forma, é possível compreender que existem tentativas de impor um determinismo biológico e cultural com o objetivo de condicionar a forma de agir socialmente como um padrão imutável e pungente.

Continuadamente vemos nas mídias comunicativas (digitais ou não) resquícios e reforços ao culto do corpo masculino e feminino, principalmente no que concerne à distinção das características que possuem e seus papéis sociais. No ambiente digital, a violência contra a mulher negra ocorre por diferentes formas: práticas racistas por meio de comentários de ódio, denúncias de perfis de mulheres negras ativistas ou, no caso de mortes de mulheres negras vítimas de feminicídios, a partir da tentativa de culpabilizar a vítima por meio de atos desinformativos contínuos e rapidamente disseminados.

Isso nos faz considerar fortemente que o racismo está presente em todas as instâncias sociais, incluindo nessas plataformas digitais, como o Instagram, onde comumente a discriminação racial é relatada como objetificação, sexualização, discursos de ódio e ataques aos corpos negros. As pessoas negras são subjugadas dentro desse sistema, porque o racismo é estrutural e se apresenta de formas variadas em toda a sociedade brasileira.

No tópico a seguir nos concentramos em compreender como as redes sociais digitais e a mulher negra podem ter relações que implicam problemas quanto à construção da percepção dessa mulher no seio social. Especificamente ao analisarmos a desinformação e os discursos de ódio postos sobre o corpo da mulher negra Janaína Bezerra, vítima de feminicídio, tentamos

traçar caminhos reflexivos que nos permitem interpretar e reinterpretar este crime e a forma que o mesmo foi pautado/comentado/disseminado dentro do perfil no Instagram O Piauiense. Realizar essa contextualização (anteriormente) sobre Janaína e a presença da mulher negra no ambiente digital nos auxilia quanto à análise aqui proposta.

Desinformação e discurso de ódio nos ambientes digitais: o feminicídio de Janaína Bezerra

Como explicado no começo deste trabalho, este artigo tem como observável o perfil no Instagram O Piauiense, no qual buscamos analisar as narrativas desinformacionais presentes na divulgação do feminicídio de Janaína Bezerra. Para a compreensão desse fenômeno entendemos que a desinformação ultrapassa a mentira, uma vez que há circulação das “narrativas dúbias e/ou híbridas”, produzidas com a junção de fatos verídicos e falsos que resultam em narrativas imprecisas, descontextualizadas e manipuladas, levando o público a confiar na desinformação já que há informações que condizem com a realidade, se revestindo desse status (RÊGO, 2021, p.224).

Dito isso, reiteramos que esta pesquisa se concentra nos aportes teóricos da metodologia da Hermenêutica em Profundidade que nos permitiu (e permite) empreender um processo contínuo de interpretação e reinterpretação dos acontecimentos. Além disso, como ferramenta metodológica utilizamos a Análise de Conteúdo que, para Bardin, trata-se de “um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos e conteúdos extremamente diversificados (BARDIN, 2016, p. 9).

Especificamente quanto ao observável, salientamos que foram catalogadas 23 postagens, dentre elas 14 possuem conteúdos desinformacionais que acionam direta ou indiretamente o caso do feminicídio de Janaína a partir de conteúdos diversos: o crime, a Universidade, estudantes e questões políticas partidárias do Brasil e Piauí. Dentro do recorte maior, selecionamos algumas postagens de maneira intencional a partir dos seguintes critérios: conteúdos iniciais, publicações com temáticas correlatas e manifestações estudantis.

A partir disso, elencamos duas categorias que apenas nos auxiliam a sistematizar melhor a análise aqui proposta, mas compreendemos que o fenômeno é interseccional e se inter-relaciona em todos os eixos. Assim, são elas: o crime contra Janaína e os deslocamentos narrativos e o silenciamento do feminicídio de Janaína e a culpabilização estudantil.

O crime contra Janaína e os deslocamentos narrativos

Ao lançarmos aqui uma tentativa de interpretação e reinterpretação dos

atravessamentos postos sobre Janaína Bezerra na divulgação de sua morte, é importante frisar que o perfil O Piauiense defende ideais pregados pela extrema-direita no Brasil. Isso é evidenciado pelos conteúdos e comentários que estão presentes na rede social. Nesse ponto, cabe dizer que o feminicídio de Janaína ocorreu dentro de um contexto em que o país buscava compreender efetivamente os efeitos dos atos antidemocráticos em 8 de janeiro de 2023 em Brasília.

É fundamental fazer esta associação, pois as primeiras postagens sobre o caso de Janaína possuíam inúmeros comentários mencionando que o crime ocorreu como reflexo da falta de segurança no Piauí que, além de tudo, havia enviado, àquela época, policiais para reforçar a segurança na capital do país. Alguns comentários e conteúdos, inclusive, citavam o secretário de segurança do estado. Portanto, é nesse campo que se empreende uma série de tentativas de deslocar o fato principal, que uma mulher negra foi morta vítima de uma cultura de estupro e violência contra o ser feminino, para um cenário em que se busca recorrentemente acionar outros culpados como mecanismo para camuflar (desinformar) o verdadeiro teor do crime.

Assim sendo, a primeira postagem no perfil foi no dia 29 de janeiro: uma replicação de uma matéria do portal G1 que acumulou 375 comentários, nos quais a maior parte mencionava questões político-partidárias, mais especificamente a polarização entre direita e esquerda. Além disso, os comentários na postagem colocavam o crime como responsabilidade da esquerda ao utilizar a expressão “faz o L”, jargão muito utilizado no período eleitoral de 2022, entre outros termos. Na sequência de postagens, os comentários buscavam justificar, em alguma medida, o crime ao explicitar que havia um colchão disponível dentro do local do acontecimento (insinuando uma culpabilização da vítima e da Instituição) e que o criminoso tinha posse das chaves da referida sala.

Nesse sentido, há dentro da divulgação sobre o crime uma constante tentativa (e êxito, em muitos casos) de deslocar a narrativa central para outros pontos de interesse do próprio veículo e de seguidores que têm opiniões parecidas com a do perfil. Assim, há uma estratégia recorrente em desinformar sobre o feminicídio à medida em que se estimula a polarização política no estado e país, o reforço, por parte dos usuários, ao uso de armas como mecanismo de autodefesa e a culpabilização da vítima por sua própria morte, uma vez que alegam que ela teria ido conscientemente ao ambiente “regado de drogas” (conforme muitos comentários) a fez assumir a responsabilidade, inconsciente, por sua condição final.

Ademais, nas tentativas de desviar o ponto central do acontecimento, outros mecanismos desinformativos foram acionados durante a construção dos conteúdos dentro da

rede social. Rotineiramente foram publicados temas que colocavam a UFPI como um espaço inerente e conivente com o referido crime e outros. Houve, assim, uma estratégia de criminalização do espaço acadêmico gerando, dessa forma, pânico em inúmeros seguidores do perfil que sinalizaram receio, medo e compartilharam a decisão de não permitir mais que seus filhos, parentes ou eles mesmos frequentassem a Universidade. A instauração do pânico é, portanto, uma ferramenta comum na disseminação de desinformação por meio das mídias digitais.

Mais precisamente, podemos mencionar que o Piauiense resgatou uma matéria publicada em 2019 pelo portal OitoMeia em que um professor universitário acusou, sem provas, que o Espaço Carretel (localizado em frente ao Centro de Comunicação Social, curso do qual Janaína era aluna) seria um lugar de comercialização de crack e outras drogas. A matéria, à época, foi rebatida pelos estudantes e movimentos estudantis ligados, sobretudo, ao Centro de Ciências da Educação (CCE).



Figura 1: print do perfil O Piauiense do dia 30 de jan. 2023

No seu acionamento para o tempo presente, é notório como a mesma ainda possui um potencial efeito desinformativo, uma vez que reforçou tudo aquilo que o próprio perfil e seguidores associavam às principais causas do crime contra Janaína. Assim, a narrativa foi deslocada para que houvesse a legitimação do discurso que apontava para festas e uso de drogas na dependência da Universidade como principal fator do feminicídio ocorrido contra Janaína.

Também foi comum localizar postagens no perfil que convocam a um debate polarizado, a exemplo da publicada no dia 30 de janeiro: “você é a favor ou contra festas na

UFPI?” Esse formato de conteúdo é responsável por segmentar uma discussão importante (o feminicídio de uma mulher negra) ao reduzir o caso à realização ou não de uma festa. Conforme mencionamos no processo de contextualização nos tópicos acima, a violência contra a mulher, especialmente a negra, é oriunda de outros contextos sociais e ocorre de inúmeras formas e ambientes, mesmo quando estão em locais considerados “seguros”, como o lar. Isso também é evidente quando questiona aos seguidores se a culpa é da calourada ou do feminicídio. Portanto, convocar esses debates cria um panorama que introjeta no ceio social valores invertidos quanto à análise de fatos concretos.

Inúmeras outras postagens utilizam de estratégias de convencimento e convocação dos seguidores a minimizar discussões relevantes à dicotomia esquerda versus direita, por exemplo. Nos caminhos percorridos na rede social digital há um vídeo sobre o dia da festa, publicado com a tentativa de justificar, mais uma vez, que o caso poderia ter sido evitado se não houvesse drogas ou mesmo a realização do encontro. Fazer isso é desinformar de modo intencional, ao tirar de rota o principal problema da situação: uma mulher negra foi vítima de violência sexual e uma morte brutal.

Para tanto, a rede acionou um questionamento e faz um relato contrário à ideia da cultura de estupro, explicando que a mesma não existe e que o crime deve ser combatido em sua totalidade, ou seja, sem recorte de gênero. Isso nos mostra, efetivamente, como o sistema patriarcal ainda está impregnado na sociedade e ativa diferentes maneiras de sua reprodução, seja no ambiente virtual ou físico.

A partir das postagens, comentários e posicionamentos do próprio perfil fica evidente que houve um processo contínuo e firme de reforço a uma série de estereótipos relacionados à Universidade, o uso de drogas, festas e, de modo geral, à demonização do espaço acadêmico que, na realidade, é um lugar de socialização e troca de saberes. Janaína Bezerra, contra sua vontade, foi associada a uma série de narrativas que utilizaram de sua morte para construir desinformações que colocaram em pauta temas polarizados e discursos de ódio.

Silenciamento do feminicídio de Janaína e a culpabilização dos estudantes

O ato brutal que resultou na morte de Janaína ocasionou desdobramentos no âmbito da UFPI. Em 31 de janeiro de 2023, estudantes pertencentes aos movimentos estudantis se dirigiram até a reitoria em buscas de respostas sobre o crime ocorrido contra Janaína nas dependências da Instituição. Vale ressaltar que, concomitante à ação estudantil, ocorria homenagens à vítima com a realização de momentos de oração, vigília, escuta ativa e acolhimento psicológico. No perfil analisado não há nenhuma publicação que se refira a essas

atividades.

Com as movimentações estudantis na reitoria da UFPI, houve três publicações referentes ao ato, todas apresentando desinformações. No primeiro vídeo, as imagens mostram que estudantes ocupam a sala de reunião da Instituição, solicitando respostas e também o direito de serem ouvidos. Na legenda, o perfil coloca entre aspas a palavra “estudante”, além de apontar o ato como invasão ressaltando que os alunos que pedem por segurança não desejam a presença da PM no campus, e finaliza nomeando o ato como vandalismo.

Já na segunda publicação, ocorreu a republicação do mesmo vídeo, mas com a tarja “Ajude-nos a identificar os agressores e vândalos no vídeo. Vamos levá-los para a polícia”. Por meio da ação, além de culpabilizar os estudantes, o perfil busca incitar que os seus usuários identifiquem os alunos para que sejam punidos pela polícia. Assim, a narrativa construída com base em fatos manipulados carrega o objetivo de silenciar os anseios dos estudantes.

Na última publicação sobre a ocupação estudantil, há divulgação de uma postagem feita no Twitter pelo próprio perfil O Piauiense, na qual afirmava que a invasão à Reitoria seria criminosa, além de acusar os estudantes de terem agredido um segurança idoso. Na legenda consta que o ato não é “coisa apenas de vagabundo, mas de criminoso”, se referindo aos estudantes. Notamos que, nos comentários das três publicações, diversos usuários concordam com o posicionamento do perfil caracterizando o ato de ocupação como movimento de esquerda, apontando a culpa às estratégias pedagógicas de Paulo Freire.

Para além disso, diversos seguidores do perfil se referiam aos estudantes como “terroristas”, “vagabundos” e “criminosos”. Percebemos que o posicionamento do perfil se utiliza da desinformação para colocar no mesmo patamar o ato dos estudantes e os atos antidemocráticos ocorridos em 08 de janeiro em Brasília, com o intuito de legitimar a narrativa de que quem estaria por trás dos ataques na capital federal seriam membros da esquerda. Com esse posicionamento polarizado há o silenciamento total do feminicídio de Janaína, sendo esse um dos principais vetores da naturalização da violência contra as mulheres negras.

No mesmo dia 31 de janeiro, o idealizador do perfil compartilhou o print de sua publicação no Twitter, na qual enfatizou que a “UFPI se tornou antro de maconheiros.....se tornou um local de vagabundos”, reafirmando seu posicionamento do dia anterior, disseminando estereótipos por meio de argumentos infundados que não condizem com a realidade. A desinformação, resultante também como um fenômeno da contemporaneidade é

um vetor que potencializa a circulação de discursos falsos. Nos comentários diversos usuários legitimam a narrativa publicada no perfil, por meio de mais discursos com desinformação, alguns usuários alegam que a campus é “dominado por facções”, outros culpabilizam o DCE e o governo Lula, além de se referirem aos estudantes como “maconheiros”, “terroristas” e “vagabundos”.

A publicação no perfil, além de ser carregada de preconceitos, inviabiliza e silencia a potência do feminicídio que ocorreu. Assim, o desvio de narrativas e a incitação dos usuários que possuem o mesmo ponto de vista do produtor do conteúdo é uma das estratégias do aumento circulação de desinformação.

Por conta da desinformação veiculada pelo perfil O Piauiense, diversas pessoas na plataforma Twitter deixaram comentários acusando a página de “sensacionalista” e “parcial”. Nesse contexto, no dia 01/02/2023 houve a publicação de uma imagem com vários desses comentários, com o título “A turma do ódio e do bem está de volta e eles querem acabar com o Piauiense”. Na legenda, o perfil continua caracterizando os atos dos estudantes como antidemocráticos, além de ressaltar que os mesmos estão apenas interessados em “manter a imagem do DCE do que com o assassinato de uma mulher”.



Figura 2: print do perfil O Piauiense do dia 01 de fev. 2023

Quando o perfil se vê atacado por diversos comentários que julgam sua postura, se utilizam do argumento do “assassinato de uma mulher” com a intenção mostrar seu apoio ao caso, mas o principal interesse é em se proteger contra os ataques se utilizando da referência à morte de Janaína, a qual nem é citada. Nesse ponto, ressaltamos que, para além da

desinformação resultar na disseminação de estereótipos e discursos de ódio nas redes sociais, também é um mercado como aponta Rêgo (2021) que envolve o modelo de negócios das plataformas digitais, uma vez que propiciam a maior circulação de narrativas desinformacionais, frequentemente carregadas de ideologias conservadoras e preconceituosas, contribuem para o alcance de lucros financeiros e políticos.

Observamos um exemplo claro deste caso na postagem realizada em 01 de fevereiro, feita logo após a publicação que reafirmava a narrativa que “A Turma do ódio do bem quer acabar com O Piauiense”, sendo utilizada para pedir apoio financeiro com o intuito de manter as atividades. Na legenda, o perfil é comparado aos estudantes da UFPI, mas alegam: “nunca seremos sustentados com dinheiro público” e finalizam o texto com a divulgação da chave pix para o repasse de ajuda financeira. Desse modo, observamos que o idealizador da página se aproveitou dos ataques sofridos para legitimar a importância de manter as atividades do perfil para seus usuários.

Diante do exposto, verificamos que houve o silenciamento do feminicídio da estudante Janaína Bezerra, na medida que as publicações apontavam para o ato das manifestações estudantis e não para as reivindicações centrais, de que uma mulher negra sofreu um feminicídio brutal. Nesse sentido, O Piauiense constrói narrativas desinformacionais, deslocando e manipulando informações sobre a Universidade, caracterizada pelo perfil como um ambiente de festas e consumo de drogas, apontando para a culpabilização dos próprios estudantes e da Instituição pelo crime contra Janaína.

Considerações finais

Os caminhos interpretativos relacionados ao crime de Janaína Bezerra nos revelam os impactos da desinformação permeada por discursos de ódio, manifestações e polarizações na divulgação de sua morte dentro do perfil no Instagram O Piauiense, que tem atuação conservadora e se coloca como a maior mídia independente do Piauí. O desvelar de conteúdos postados nas redes sociais permitem análises extensas e profundas, das quais nos propomos a pincelar, de modo intencional, as que se enquadraram em nossos objetivos devido sua rápida disseminação, comentários e convocações para o deslocamento do feminicídio para temáticas secundárias a fim de desinformar articuladamente sobre o caso.

Os marcadores que atravessam o corpo de Janaína Bezerra (mulher, negra e estudante) são colocados como artifícios para disseminar outras pautas sensacionalistas dentro da rede social, destacados, sobretudo, a partir de convocações para culpabilizar à Universidade, os centros acadêmicos, movimentos estudantis e, de acordo com alguns comentários, a própria

vítima. Em crimes de violência contra a mulher é comum que a sociedade, impregnada e sustentada pelo regime patriarcal, direcione a responsabilidade de sua condição (geralmente fatal) a si mesma. Ser mulher, nesse sistema, é estar sujeita a ser reiteradamente desvalidada, punida e vista como subalterna. Quando se é negra, os encargos racistas do país potencializam essas problemáticas e estereótipos.

Portanto, diante de Janaína, é evidente que a divulgação de seu crime foi impactada diretamente pelos rastros da desinformação no perfil O Piauiense, que acionou temáticas sensacionalistas, desinformativas e polarizadas para estimular comentários, compartilhamentos e discussões que colocaram em xeque à morte da estudante, seu lugar enquanto sujeita-universitária e, na mesma medida, estigmatizaram os espaços acadêmicos, a luta e força do movimento estudantil. Nossa intenção, nesse sentido, não é encerrar a discussão sobre o ecossistema de desinformação que perpassa questões de gênero e de raça, mas apenas apontar caminhos reflexivos possíveis que nos auxiliem a repensar e modificar, ainda que timidamente, o tecido social na divulgação de crimes violentos contra mulheres negras.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e estado*, v. 15, p. 303-330, 2000. Disponível em: <https://x.gd/kgj2A>. Acessado em: 02 de agosto de 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELONIA, C. da S. (2019). Violência contra a mulher negra: do racismo ao estupro. **Revista Crioula**, (24), 214-221. Disponível em: <https://x.gd/0ARJp>. Acessado em: 04 de julho de 2023.

BEZERRA, Janaína Silva. **Anseio o que o futuro tem pra mim**. Teresina-PI. 02 jan. 2023. Instagram: @mie.poesie. Disponível em: <https://x.gd/Mb3sY>. Acessado em: 02 de junho de 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10 ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARNEIRO, Suelaine. **Mulheres Negras e Violência Doméstica: decodificando os números**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017. Disponível em: <https://x.gd/89Lya>. Acesso em: 02 agost. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **“Participando do Debate sobre Mulher e Violência”**. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*, São Paulo, Zahar Editores, 1985.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVELYN, Petrus. **Perfil O Piauiense**. Instagram:@opiauiense. Disponível em: <https://x.gd/rXgia>. Acessado em: 15 de junho de 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”**. Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./jun. 2017. Disponível em <https://x.gd/hyZ1w>. Acesso em 10 de abr de 2023.

FRANCISCO, André. De “lacraria” ao “negão de tirar o chapéu”: apontamentos sobre masculinidades e negritudes em aplicativos de encontros entre homens. **Revista da ABPN**. v.11, n.30, set-nov, 2019, p.39-53. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/807/729> / Acesso em 23 de jul. de 2023.

GALVÃO, Ianne. Mapa da violência contra mulheres negras: reflexões sobre racismo e gênero na sociedade brasileira. **Revista de Direito**, v. 13, n. 02, p. 01-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/11520>. Acessado em: 04 de julho de 2023.

LIMA, Eveling; SILVA, Thiago; NEPOMOCENO, Virna. **A hipersexualização de corpos negros: o conto “Afrodisíaco”, de Cristiane Sobral e a imagem publicitária da “Devassa”**. Revista do Coletivo Seconba, v. 5, n. 1, p. 19-32, mar. 2021. Disponível em <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/seconba/article/view/10704> / Acesso em 25 de março de 2023. Acessado em: 04 de julho de 2023.

PAZ, Huri. **Negros são sexualizados e objetificados em aplicativos de relacionamento gay**. Entrevista concedida a Jordão Araújo. Portal Gueer, online, abr de 2021. Disponível em: <https://x.gd/UATab>. Acesso em 10 de março de 2023.

PRADO, D; SANEMATSU, M. **Feminicídio: invisibilidade mata**. São Paulo: Editora Fundação Rosa Luxemburgo, Instituto Patrícia Galvão, 2017.

RIBEIRO, Djamilia. **Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política**. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2015.

RÊGO, A. R. construção intencional da ignorância na contemporaneidade e o trabalho em rede para combater a desinformação. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 15, n. 1, 2021. DOI: 10.29397/reciis.v15i1.2293. Acesso em: 03 agosto de 2023.

RODRIGUES, Viviane Isabela. A trajetória histórica da violência de gênero no Brasil. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://x.gd/tBci1>. Acessado em: 04 de julho de 2023.

Saffioti, Heleieth I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

THOMPSON, John B. (1995). **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. Editora Jandaíra, 2022.

WARDLE, C. (2017, 16 de novembro). **Fake news. It’s complicated**. First Draft.